

Duarte Darmas: *desenhador do rei e construtor da imagem do Portugal raiano*

*Santiago Macias*¹

Resumo

Duarte Darmas percorreu toda a raia portuguesa nos inícios do século XVI. O seu *Livro das Fortalezas* é uma peça de grande importância para o estudo dos perímetros amuralhados. Mas guia-nos também pelos espaços urbanos, permitindo-nos identificar edifícios e pontos de interesse. O texto que se apresenta diz respeito às 20 localidades da região alentejana. A utilização de moderna tecnologia, como os drones, habilita-nos a um jogo de comparações entre passado e presente. E permite-nos também perceber que o trabalho de Duarte Darmas foi, antes de mais, um trabalho de imaginação e de (re)criação de perspetivas.

Palavras-chave

Desenhos; Fortalezas; Drones; Património.

¹ NOVA FCSH – Diretor do Panteão Nacional.

Duarte Darmas: drawing for the king and sketching the Portuguese border.

Abstract

Duarte Darmas traveled along the Portuguese border in the early 16th century. His *Book of fortresses* is a piece of great importance for the study of urban walled perimeters. But it also guides us through urban spaces, allowing us to identify buildings and the highlights of each place. This text concerns 20 locations in the Alentejo region. The use of modern technology, such as drones, enables us to play a game of comparisons between past and present. And it also allows us to understand that the work of Duarte Darmas was, above all, a work of imagination and of (re)creation of perspectives.

Keywords

Drawings; Fortresses; Drones; Heritage.

Os anos de 1509 e de 1510 marcaram, certamente, a vida de Duarte Darmas. Filho de um elemento da corte, destacou-se como desenhador ao serviço de D. Manuel. Pouco se sabe deste servidor do monarca, nascido em Lisboa no ano de 1465, filho de Rui Lopes de Veiros, escudeiro da Casa Real². A vida conhecida de Duarte Darmas quase se resume à referência à sua atividade como desenhador, com destaque para este trabalho de levantamento das fortificações. E a algumas informações sobre bens de que era proprietário. Desconhecem-se a data e o local do seu falecimento³.

Duarte Darmas ganharia um lugar na História graças a este Livro das Fortalezas, tarefa que lhe foi cometida pelo rei. O monarca encarregou-o de registar as suas fortificações raianas, num claro propósito de afirmação política e de marcação do território.

Foi um percurso longo, entre Castro Marim e Caminha. Uma viagem de cerca de 1200 quilómetros, serpenteando ao longo de uma fronteira que se começava a sedimentar. Por estradas ou por veredas. Fizeram toda a fronteira, num ou em vários percursos. Duarte Darmas a cavalo, o seu escudeiro a pé. Ou, mais provavelmente e

² Sobre as questões em torno da sua identidade: BRANCO, Manuel da Silva Castelo – *Livro das Fortalezas: fac-simile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. 3ª Edição. Lisboa: Edições INAPA, 2006, p. 7-9 e DIAS, João José Alves – *Livro das Fortalezas: manuscrito nº 159, ca. de 1509, Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015, p. 23-24.

³ A abordagem mais abrangente à obra de Duarte Darmas é, decerto, a de Paulo Pereira – *A «fábrica» medieval. Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Dissertação de doutoramento em Arquitetura defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012, pp. 561-810.

como nos sugeriu José Augusto Pizarro, Duarte Darmas a cavalo e o escudeiro num burro. A representação feita nos desenhos seria apenas uma forma de sublinhar a diferença de estatuto social. Vemo-los munidos do que parece ser uma lança e que, muito provavelmente, também lhes serviria de bitola nas inúmeras medições que forma feitas. O desenhador autorretrata-se. Uma vez, duas vezes, muitas mais. Está sempre protegido por uma espécie de turbante. Vemo-lo a chegar a Alpalhão, em Assumar, em Elvas e em Nisa. Sempre em plano bem visível. E também em Olivença, meio escondido pela paisagem. Neste sítio desenhou-se também a medir a torre de menagem. Duarte Darmas está no alto da torre, com um fio de prumo na mão (**fig. 1**).

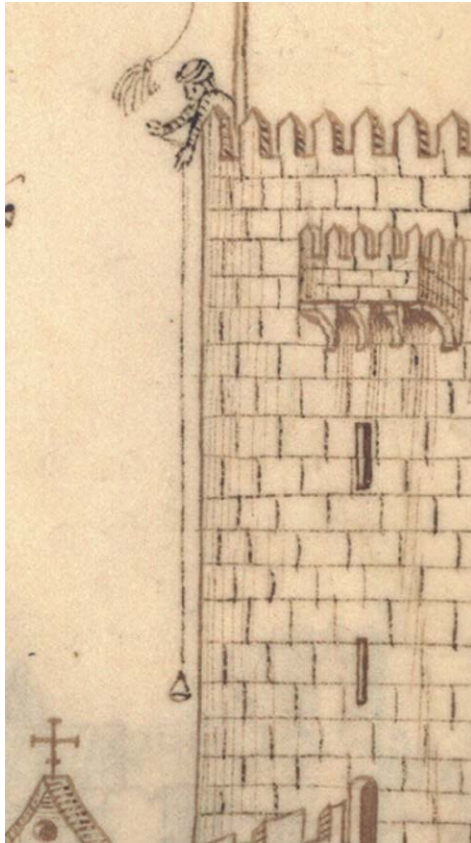


Fig. 1 – Olivença.

Pensou-se que esse trajeto tivesse sido cumprido ao longo da primavera e verão de 1509. É mais provável que tenha havido várias deslocações, podendo as mesmas balizar-se entre finais de 1508 e o final do inverno de 1510⁴.

⁴ BARROCA, Mário – “O Livro das Fortalezas de Duarte Darmas: contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid”. In ROSAS, Lúcia, et al. (coords.) – *Genius loci: lugares e*

Dos 58 castelos inicialmente previstos, foram registados 55 (Portalegre, Alegrete e Marvão ficaram, infelizmente, de fora). Desses, 20 correspondem à raia alentejana, estando atualmente um deles (Olivença) em território da Extremadura.

O projeto de retomar o percurso, e as visões, de Duarte Darmas, resultou num livro⁵. Ali se tentou uma explicação do que o desenhador fez, como fez e porque fez, ao longo da raia, ajudando a construir a imagem da fronteira, ao serviço de D. Manuel I.

1. Ao longo da raia.

O levantamento feito incluía dados detalhados, com medições, em varas e pés, das torres e panos de muralhas das alcáçovas. O desenhador construía um documento gráfico de grande importância iconográfica de dezenas de sítios raianos, ao mesmo tempo que dotava o comando militar do reino de uma peça de enorme importância estratégica.

Cada local, “tirado do natural”, era representado com três imagens (as exceções reportam-se aos locais que não têm alcáçova, como Assumar): foram registadas duas vistas (os “debuxos”), cinematograficamente em campo e contra-campo, e uma planta de cada alcáçova (a “prataforma”, ou plataforma). As duas imagens eram obtidas, quase sempre, de ângulos opostos, embora muitos exemplos escapem a essa regra. Duarte Darmas indica os azimutes a partir dos quais fez os registos, mas esse dado é apenas aproximado.

O trabalho resultou num levantamento das fortalezas de fronteira – ao qual Duarte Darmas não deu título, escrevendo apenas, de forma genérica, “este livro he das fortalezas que sam situadas no estremo de Portugall e Castella [...]” – um trabalho ímpar e grande relevância do ponto de vista da arquitetura militar, de valor inestimável do ponto de vista político, mas, sobretudo, um registo insubstituível do ponto de vista iconográfico, no que à identificação de cada um dos sítios diz respeito.

O livro das fortalezas conta com um segundo códice, hoje pertencente à Biblioteca Nacional de Espanha⁶. Trata-se, aparentemente, de um rascunho ou visão preliminar dos locais. As razões técnicas para a dicotomia primeira versão / segunda versão estão bem explicadas num estudo de Mário Barroca, que aborda a maior parte das questões essenciais para se compreenderem os desenhos de Duarte Darmas. Neste primeiro trabalho, registou muitas informações que depois eliminou, por considerar que eventualmente não eram necessárias. Estão nesse caso os nomes de várias ermidas, como sucede em Alpalhão ou em Nisa ou ainda a menção expressa a propriedades, hortas e de lagares, como em Nisa, onde repetidamente surge o nome de D. João (de Sousa), alcaide da localidade.

significados, breves reflexões. Vol. 2. Porto: CITCEM, 2018, p. 196.

⁵ MACIAS, Santiago – *Duarte Darmas: do cálamo ao drone*. Mértola: MULTICULTI, 2021.

⁶ PEREIRA, Paulo – *A «fábrica» medieval...*, pp. 569-572.

O exemplar de Madrid apresenta, para a raia alentejana, uma visão muito parcelar da realidade. Mostra-nos desenhos de quatro locais, todos eles no atual distrito de Portalegre: Alpalhão (duas vistas completas), Assumar (o lado direito da vista a partir de sueste), Castelo de Vide (duas metades, apresentadas de forma truncada, misturando o lado esquerdo da vista de nordeste como o lado direito da perspetiva tomada a partir de sueste) e Nisa (duas vistas completas). São elementos de grande valia, apesar de se reportarem apenas a dois sítios completos e outros dois com informação apenas parcial. A este estudo em papel sucedeu-se a versão final, em pergaminho, que terá sido concretizada a partir da primavera de 1510⁷.

2. Como Duarte Darmas desenhou.

Duarte Darmas fez o seu trabalho com rigor e sentido objetivo. Não por “retratar” fiel e fotograficamente cada uma das localidades, mas por escolher, de forma criteriosa, o que devia ou não representar em cada um dos sítios⁸. O sistema de recolha de informação respeitava uma matriz simples, mas de grande eficácia. O desenho da planta da alcáçova era obrigatório. Cada torre era medida e registada em varas (110 cm) e palmos (22 cm), com medidas que são razoavelmente fiáveis e que, com algumas variações, podemos ainda hoje constatar. O processo tem um rigor apenas aproximado, mas continua a ser-nos útil, em especial nos muitos sítios onde o tempo foi eliminando torres e muralhas, que o desenho do Livro das Fortalezas nos permite reconstituir.

A hierarquização da informação era clara: primeiro a zona fortificada, com o rigor possível e com a informação considerada pertinente, depois o resto da localidade, com as duas vistas já mencionadas, expressamente indicadas como norte e sul, sueste e noroeste, este e oeste, etc. Os pontos cardeais nem sempre eram determinados de forma precisa, o que deu origem a vários erros.

A primeira tentação, ao olharmos os sítios, cinco séculos volvidos, é a de tentar localizar o sítio preciso de onde Duarte Darmas teria registado as suas imagens. Basta um ensaio para percebermos que assim não é. Em Mértola, se nos localizamos na margem esquerda do Guadiana, em frente à mesquita, perdemos muitos detalhes que Duarte Darmas nos mostra e, seguramente, não conseguimos ver a ribeira de Oeiras (**figs. 2 e 3**).

O que o desenho abarca não pode ser visto, em nenhum dos 20 exemplos da fronteira alentejana, de um só local. Não há, assim, um único ponto de vista. Muito

⁷ BARROCA, Mário – “O Livro das Fortalezas de Duarte Darmas: contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid”. In ROSAS, Lúcia, et al. (coords.) – *Genius loci: lugares e significados, breves reflexões*. Vol. 2. Porto: CITCEM, 2018, p. 183-205, p. 196.

⁸ BRANCO, Manuel da Silva Castelo – *Livro das Fortalezas: fac-simile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. 3ª Edição. Lisboa: Edições INAPA, 2006, pp. 18-19.

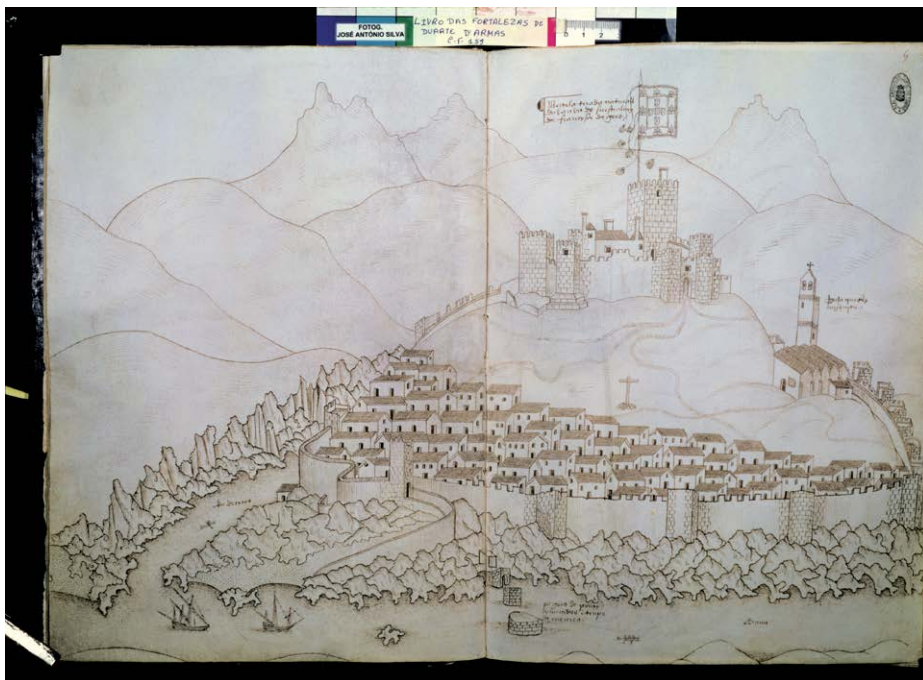


Fig. 2 - Mértola.



Fig.3 - Mértola.

menos, em locais como Monsaraz, por exemplo, onde os pontos em volta do castelo se situam a uma cota inferior às muralhas seria possível obter uma vista ao seu nível. Também não há uma regra quanto à perspetiva em que o autor se situou. Os ângulos variam⁹ e não há um padrão uniforme que tenha sido seguido.

Partindo dessa constatação, verificou-se a impossibilidade de Duarte Darmas conseguir ver num só plano aquilo que nos apresenta¹⁰. Porque, à medida que nos movimentamos, vemos melhor alguns detalhes, mas outros desaparecem do nosso campo de visão. Objetivamente, a representação de cada local – e de modo mais notório nos locais de maior dimensão – resulta de um somatório de dados, de uma colagem de apontamentos, tirados vários pontos. Quando refere sul ou sudeste estava a mencionar uma localização aproximada à que tinha utilizado e não um sítio preciso. Mais interessante é constatar que, para se ter acesso à informação que Duarte Darmas apresenta só numa cota superior à que nos encontramos, e à que ele utilizou, é possível abarcar toda a informação apresentada. O que quer dizer que apenas em voo se consegue ver o que os seus desenhos nos apresentam. O que a recolha nos apresenta é afinal uma conjugação de vários fatores:

1. A soma de vários apontamentos tomados em cada local, de forma a conceber uma imagem tão fiel quanto possível de cada sítio;
2. Um esforço de abstração, construindo-se mentalmente o que não era visível a partir do solo e numa perspetiva que tinha de ser inteiramente imaginada;
3. Um modelo de representação que selecionava pontos de destaque em cada localidade, escolhendo-se o que era, ou se pensava ser, mais importante ou representativo.

O que Duarte Darmas diz ser uma vista “tirada natural” é, na verdade, uma construção. Os seus desenhos são um somatório de vários pontos de vista. Uma colagem de sucessivas recolhas. A partir de rascunhos era construída só uma imagem, ao jeito de um planisfério. Neste jogo de composições, Duarte Darmas joga com os espaços como se dispusesse de um harmónio.

Na visão de cada sítio que, não sendo fotográfica, é perfeitamente clara e representativa, mostrava-se tudo o que importava. O desenhador não se coibia de distorcer perspetivas, de jogar com os elementos, aproximando ou distanciando edifícios, conforme lhe convinha e de forma a caberem na representação. É aquilo que Paulo Pereira designa como “plano homogéneo constituído pela sobreposição

⁹ PEREIRA, Paulo – *A «fábrica» medieval...*, pp. 608-612.

¹⁰ Ver, a esse propósito, PEREIRA, Paulo – *A «fábrica» medieval...*, p. 607.

de planos sucessivos puramente bidimensionais”¹¹. Aproximava igrejas que estão distantes das localidades (como nos casos da igreja de Boa Nova, a 1000 metros de Terena – **figs. 4 e 5**, da ermida de S. Sebastião, em Alpalhão¹², e que parecem, no desenho, muito mais perto do que a realidade comprova), mostrando-nos a ponte da Ribeira Grande, a 600 metros de Monforte ou representando num mesmo plano as pontes do rio Caia, em Arronches, que não podem ser vistas em simultâneo. A intenção não era a de enganar quem via o desenho, mas, tão-só, simplificar a consulta e clarificar detalhes que só no local poderiam ser vistos com mais rigor. A distorção da realidade é consciente e assumida como parte da solução, condensando-se num único plano uma realidade era/é, ao vivo, bem mais complexa. O ângulo de “visão” está longe de ser uniforme¹³. Em grande parte, porque a imagem captada é imaginada e não podia ser obtida a partir de uma perspetiva ou de um local suscetíveis de identificação.

Dois exemplos extremos dessa simplificação do que era visto e se queria representar estão patentes em Alandroal e em Nisa. No primeiro caso, e ante a impossibilidade de mostrar o arrabalde, que fica a nordeste do castelo, e por este se encontrar numa cota mais baixa que os terrenos nas imediações, o desenhador falseou a realidade. Ou seja, inverteu o sentido do declive. Quem olha para o desenho, fica com a ideia que naquela zona se sobe em direção ao castelo, quando, na verdade se desce. Uma representação realista impediria que quem visse o desenho pudesse ver a globalidade do arrabalde e, muito menos, a ermida de S. Sebastião, localizada bem no meio das casas. Em Nisa, e ante a interesse em mostrar todos os lados da muralha (um quadrilátero orientado segundo os pontos cardeais) levou a que Duarte Darmas se socorresse de um engenhoso artifício. Na vista a partir de norte, conseguimos ver também as muralhas este e oeste. O desenhador “abriu” a representação, estendendo o perímetro fortificado como se de um planisfério se tratasse. Conseguimos, assim, ver em simultâneo algo que do ponto de vista real é impossível de fazer.

Quando a explicação se lhe afigura demasiado difícil, pura e simplesmente muda os edifícios de lugar, tornando-os mais visíveis, como fez em Castelo de Vide. O rigor não é total. Mas D. Manuel, destinatário número um deste trabalho, estava mais preocupado com os castelos e com a defesa do reino que com temas de urbanismo. E os desenhos davam, ainda assim, uma imagem muito fiel dos seus domínios.

¹¹ PEREIRA, Paulo – *A «fábrica» medieval...*, pp. 612 e 618-620.

¹² A ermida é referida no manuscrito de Madrid. Pode, contudo, tratar-se de um erro e ter Duarte Darmas querido representar, de facto, a ermida de S. Pedro.

¹³ PEREIRA, Paulo – *A «fábrica» medieval...*, p. 631.

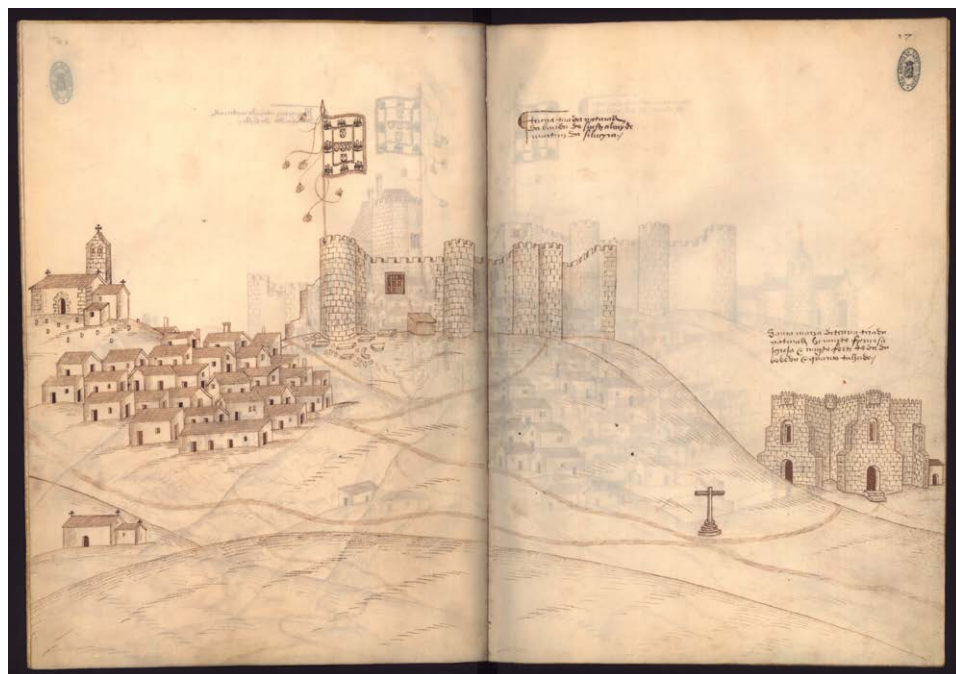


Fig. 4 - Terena.



Fig. 5 - Terena.

3. Reenquadrando Duarte Darmas.

O desafio que se nos colocava era, afinal, como tornar inteligível uma realidade há muito desaparecida, tentando identificar na paisagem os locais para onde Duarte Darmas tinha olhado. Procurámos ilustrar essa realidade usando ainda dados comparativos a nível demográfico, e tirando partido do poder descritivo das “Memórias Paroquiais” de 1758.

A abordagem assentou nas seguintes bases:

1. A tentativa de identificação dos locais desenhados por Duarte Darmas. Ou seja, o que ainda existe, nos mesmos sítios onde foram desenhados. O que é visível nos locais onde se assinalavam imóveis, entretanto desaparecidos. Que transformações houve e como podem ser feitas as comparações. O antes e o depois, fisicamente registado em cada localidade;

2. As “Memórias Paroquiais” foram o grande ponto complementar ilustrar o desenho quinhentista e o seu contraponto fotográfico atual. Quase todos os pontos registados por Duarte Darmas têm descrição setecentista. É verdade que os párcos tinham motivações para a escrita de diferente índole e a textos de apurado sentido narrativo se contrapõem outros demasiado sucintos, muitas vezes quase displicentes. Mas foram sempre de grande utilidade as descrições feitas nestas memórias para ilustrar os pontos desenhados por Duarte Darmas que, em grande medida, ainda estavam presentes na paisagem das localidades e eram considerados como merecedores de destaque.

3. Os dados demográficos do Numeramento de 1527 foram contrastados com os elementos fornecidos pelas Memórias Paroquiais de 1758. É certo que o rigor estatístico é elementar, mas os números apresentados são suficientes para termos uma ideia da realidade populacional, ao longo de mais de dois séculos, das localidades visitadas por Duarte Darmas;

4. As alterações sofridas pela maior parte destas localidades, resultantes tanto das modificações a que a Guerra da Restauração obrigou, como do crescimento urbano que conheceram, levou-nos a utilizar plantas dos séculos XVII e XVIII existentes no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar. As quais remetem para uma realidade em modificação, mas que nos dão indicações sobre sítios representados por Duarte Darmas e que hoje já não existem (como no caso da Capela de S. Miguel, em Arronches).

Como reconstituir?

Voltemos à realidade dos locais.

Um dos casos mais evidentes desta recriação das perspetivas é o de Monsaraz a partir de leste (na realidade a partir de oeste ou de noroeste), onde se representam as muralhas e a ermida de S. Bento como se estivesse ao nível do olhar de quem as retrata. Na realidade não é assim. O pronunciado declive do cerro onde a vila medieval se encontra torna impraticável qualquer visão que se aproxime do que Duarte Darmas nos mostra (figs. 6 e 7).

Na verdade, Duarte Darmas só poderia ver o que representa, do modo como o faz, se o fizesse a partir do ar. Daí a necessidade de, no projeto que concretizámos, se utilizar um drone, ao constatarmos que muitas imagens não representavam imagens fiéis da realidade, mas sim recriações imaginadas pelo desenhador.

As duas vistas de cada localidade são, por norma, de grande clareza. Os edifícios que resistiram ao tempo são facilmente identificáveis. O castelo tem um lugar à parte, merecendo o seu registo especial rigor, vertido depois na planta da alcáçova. O desenho da cada localidade obedecia, depois, a um princípio simples. Duarte Darmas tratava os espaços urbanos de modo esquemático e simplista. Não era o rigor absoluto, ou a representação precisa, de cada casa que importava, mas sim dar uma ideia de conjunto. Os elementos construtivos (paredes, telhados, portas, janelas) repetiam-se, como se de um moderno programa de *photoshop* de tratasse.

O desenhador escolhia depois, em cada localidade, pontos de destaque, que surgem registados com maior detalhe ou que são assinalados com um texto identificativo. As igrejas têm aí especial relevo, tal como se assinalam, em muitas localidades, os seus relógios. Elementos específicos de cada sítio (os barcos de pesca, em Mértola; a fonte de água em Ouguela, a lagoa em Alandroal, etc.) são tratados de forma cuidada. Duarte Darmas não era um etnógrafo, mas olhava com atenção o território à sua frente.

Em segundo lugar, Duarte Darmas regista os pontos de relevo de cada sítio (igrejas, relógios, fontes, pontes etc.), por vezes com legendas ilustrativas que se revelam sempre de grande utilidade. Ao fazer esse registo, o desenhador estava deliberadamente a chamar a atenção para o que lhe parecia merecedor de destaque em cada sítio. Não podemos deixar de notar a antiga mesquita de Mértola, a igreja de S. Domingos, em Elvas, que constituem elementos impressionantes que sobressaíam nessas paisagens urbanas.

Os relógios, ainda recentes nas vilas portuguesas, são orgulhosamente destacados por Duarte Darmas. Vemo-los em Moura, em Elvas, em Olivença, em Arronches. São as localidades mais importantes representadas e a presença do relógio marcava um acrescido estatuto de distinção.

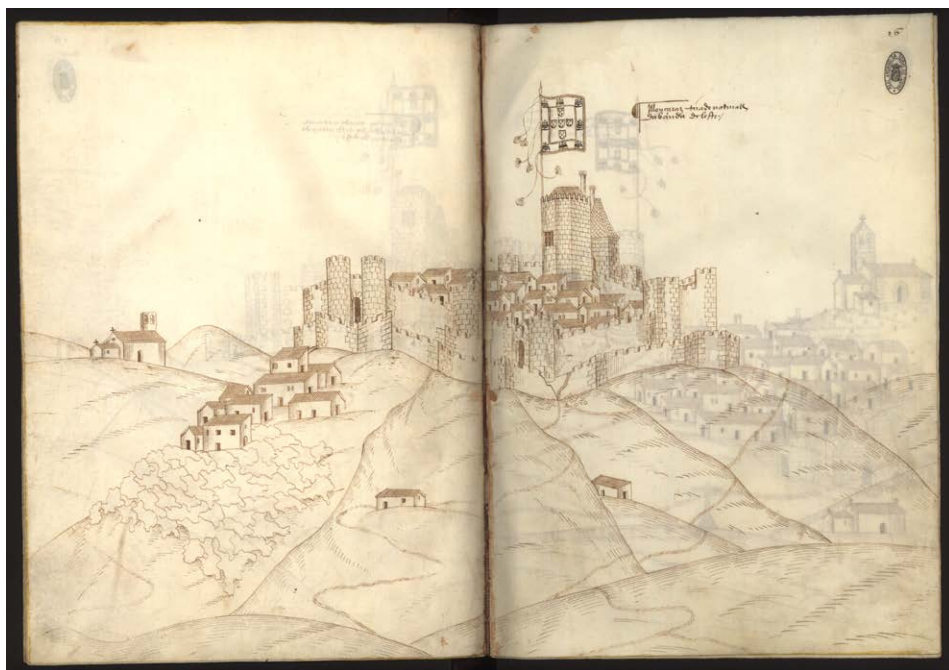


Fig. 6 – Monsaraz.



Fig. 7 – Monsaraz.

Mesmo considerando que o tempo de registo, e a passagem pelos locais, foram mais dilatados do que normalmente se tem admitido¹⁴, as informações recolhidas não estão isentas de falhas. As “compressões” espaciais, ou as “distorções” que Duarte Darmas deixou nos seus desenhos não entram na categoria de erros. Essas manipulações fazem parte do seu método explicativo ou de descodificação de cada local. Portanto, objetivamente, não são erros. E ainda que algumas dessas abordagens violem de forma evidente as mais elementares leis da perspetiva. Como sucede em Castelo de Vide, onde Duarte Darmas joga com as igrejas “movendo-as” nas duas vistas, de forma a serem sempre identificáveis.

Os erros mais comuns são as falhas na indicação dos pontos cardeais. Há outros que são factuais. Citem-se, a título de exemplo:

- A torre de menagem do castelo de Moura não tem seteiras;
- As falhas na representação de Monsaraz, apontados por José Pires Gonçalves

4. Castelos, muralhas, igrejas e mesquitas.

As vistas dos castelos são rigorosas ou pretendem sê-lo. A enumeração das torres, e mesmo as suas medidas, são um importante documento que o rei e os seus conselheiros militares, poderiam usar sempre que necessário.

Nem sempre as muralhas estão hoje presentes em toda a sua extensão, tal como Duarte Darmas as viu. Em algumas localidades, como Mértola, Noudar, Terena, Alandroal ou Monsaraz, o que o desenhador registou é, na prática, o que ali podemos ver. A perda de importância estratégica desses sítios, do ponto de vista militar, aliada a uma diminuição da sua importância enquanto centros urbanos de relevo, acabou por conservar as suas muralhas. O imobilismo que conheceram conservou todas as suas principais estruturas, incluindo as muralhas medievais.

Nas restantes situações, não há um padrão que possamos apontar. Em muitos locais, há panos de muralha que subsistiram e outros que, por diversas circunstâncias, desapareceram. O mau estado de algumas construções foi assinalado pelo desenhador: “este canto da torre derribou uma pedra de corisco”, afirma no caso de Serpa¹⁵. De um modo geral, o que restou é suficiente para um reconhecimento e para a correspondência visual dos principais pontos das fortificações. Sítios houve em que as muralhas se tornaram quase invisíveis. Nestes casos mais radicais, como Alpalhão ou Monforte, as cercas são quase só uma recordação, pressentida no traçado

¹⁴ BARROCA, Mário – “O Livro das Fortalezas de Duarte Darmas (...)”, pp. 194-195.

¹⁵ DIAS, João José Alves – *Livro das Fortalezas: manuscrito nº 159, ca. de 1509, Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015, p. 350.

urbano. Em Monforte, o perfil circular da muralha manteve-se no traçado das ruas Huberto Maas, da Lage e Visconde da Luz, cujo contorno mimetiza uma cerca já quase desaparecida. Em Alpalhão, o castelo deu lugar a uma zona vazia no coração da localidade – num quarteirão demarcado pelas Ruas Direita, do Arrabalde e de S. Pedro. Também em Assumar restam apenas dois pequenos troços da muralha no limite oriental da localidade. O quadrilátero que Duarte Darmas registou ainda hoje se identifica no parcelário urbano.

Noutras localidades, foram as torres de menagem que desapareceram. As de Juromenha e de Campo Maior foram adaptadas a paióis de pólvora, decisão que traçou o seu destino. Duas explosões, em 1659 (Juromenha), aquando da Guerra da Restauração, e em 1732 (Campo Maior), destruíram as torres, das quais temos a memória nos desenhos. A mesma sorte conheceria, em 1663, boa parte da fortificação medieval de Arronches, devastada pela explosão do paiol de pólvora.

Troços das muralhas islâmicas estavam ainda bem presentes no panorama das cidades quinhentistas. Devem enquadrar-se em cronologia almóada as torres poligonais de Elvas e de Moura. A primeira ainda se hoje se conserva, dando o nome à Porta do Arco de Nossa Senhora da Encarnação. A de Moura integrou, com toda a probabilidade, o lote de demolições que foram levadas a cabo em 1816, altura em quase toda a muralha em taipa do período islâmico foi desmontada, para dela se extrair salitre para o fabrico de pólvora¹⁶.

As igrejas estão presentes na paisagem de quase todas as povoações. São 45 igrejas, conventos, capelas ou ermidas, com um máximo de templos em Castelo de Vide (Santa Maria, São João, Santiago, Santo Amaro e Senhora da Penha) e a ausência de espaços religiosos em Monsaraz e em Ouguela. Neste caso, vemos apenas as muralhas, pelo que a igreja situada intramuros escapa ao nosso olhar. Noutras localidades, como Serpa ou Olivença, a matriz assoma por detrás da muralha. Em Monsaraz, causa alguma surpresa que Duarte Darmas não tenha visto, ou se tenha esforçado por assinalar, a igreja matriz. A igreja da Boa Nova, em Terena, mantém-se praticamente intacta, na sua estrutura de um quase fortim medieval (escrevia Duarte Darmas “é muito formosa igreja e muito forte, toda de abóbada e canto¹⁷ talhado”. Nenhuma das outras igrejas registadas por Duarte Darmas sobreviveu, na sua imagem quinhentista. Os programas de ampliação que sofreram, acentuados num caso ou noutro pelo terramoto de 1755, alteraram a imagem dos edifícios.

A sua identificação, e tentativa de correspondência com a realidade atual, baseou-se sobretudo em dados topográficos. Designadamente na posição relativa de igrejas e ermidas situadas fora de portas face às muralhas, o que é facilitado nos casos

¹⁶ MACIAS, Santiago, et al. – *Castelo de Moura. Escavações arqueológicas: 1989-2013 – textos*. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2016, pp. 105-107.

¹⁷ Cantaria.

em que os espaços religiosos não desapareceram. Há legendas que, pontualmente, nos auxiliam nessa identificação. Muitas vezes, bastam-nos umas poucas palavras (“o carmo”, em Moura, “sam francisco”, em Serpa, “sam domingos” e “santa maria da graça”, em Elvas) para fazermos corresponder edifícios atuais e antigos. Noutros casos, há igrejas que desapareceram e delas não ficou rasto, como a primitiva ermida de “santo agostinho”, em Moura, ou “santa ana”, em Nisa. Foi importante, para a identificação de alguns destes sítios (“santa ana”, em Nisa, a igreja de Santo Amaro, em Castelo de Vide, “sam sebastiam”, em Alpalhão) a consulta do códice da Biblioteca Nacional de Espanha¹⁸. Duarte Darmas identificou com legenda, nessa versão, esses e outros locais, cuja referência omitiu no trabalho final, mas que nos dão pistas essenciais para permitir localizações rigorosas.

No início do século XVI persistiam ainda algumas marcas de um passado mais distante. A igreja de Mértola mantinha toda a sua estrutura de mesquita almóada. Apenas a almenara fora transformada em torre campanário. Para que não restassem dúvidas Duarte Darmas escrevia “igreja que foi mesquita”. Esse edifício daria lugar, cerca de 1530, à atual igreja, sob a qual permaneceram alguns traços da antiga aljama¹⁹. Menos evidente é o caso da antiga mesquita de Elvas. É certo que o desenhador identifica a torre como “igreja moor”, mas a estrutura do campanário identifica, com clareza, uma almenara dos séculos XII-XIII²⁰.

De entre os elementos importantes desaparecidos sobressai, claramente, o espaço de audiência (“aqui fazem audyencia”) em Ouguela, um espaço porticado, aberto ao exterior, e que deu depois lugar à igreja que ainda ali se encontra. Outras igrejas foram levadas pelas obras da Restauração, como as de campo Maior, trasladadas para outro local. Outras ermidas, como as de Arronches (S. Miguel) ou da Juromenha, pura e simplesmente deixaram de existir, sem deixar rasto nem memória.

5. Meio ambiente e paisagens invisíveis.

A água é elemento sempre presente nos registos de Duarte Darmas. As indicações são de vária ordem e atestam diferentes formas de presença na vida das populações. Talvez a representação mais insólita seja a da lagoa que defendia, no lado sul, o castelo do Alandroal. Era um verdadeiro fosso, bastante largo, cheio de água, que tinha de ser vencido através de uma ponte, pela qual se acedia à porta da traição.

Fontes, bicas e poços surgem em vários locais, numa representação realista e não estereotipada. Em Alandroal, junto à lagoa existia uma fonte, muito modificada,

¹⁸ Disponível online: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000096106&page=1>

¹⁹ TORRES, Cláudio, et al. – *Mesquita Igreja Matriz*. In GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (coord.) – “Museu de Mértola: catálogo geral”. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014, pp. 131-143.

²⁰ CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Universidade de Évora / CIDEHUS, 2013, pp. 78-79 e 81-82.

e bastante monumentalizada no século XVIII. Com exceção do poço assinalado em Assumar, hoje desaparecido, o princípio é o da manutenção, ao longo dos séculos, destes pontos de recolha de água. Foram, todos eles, naturalmente modificados. Muitos têm hoje um caráter quase só cenográfico ou decorativo. Mas tiveram, antes da generalização das redes de distribuição domiciliária, um papel social insubstituível. Daí que Duarte Darmas represente, com tanto cuidado, a bica de Santa Comba, em Moura, tal como assinala a fonte de Montalvão (cuja mais recente versão data do Estado Novo) ou a de Oguela, com as mulheres junto ao ponto de recolha de água, e outra dirigindo-se à aldeia, como se de uma narrativa se tratasse (**fig. 8**). No centro da alcáçova de Moura era ainda referida a presença de um poço de “muita água e boa”. Em Castelo de Vide permanecem quanto à representação de uma pequena estrutura junto às muralhas. Já foi apontada como sendo uma “picota” (ou jaula para os presos ficarem expostos²¹) mas que, mais provavelmente, deverá corresponder à fonte da vila, numa configuração muito semelhante à atual, datável do segundo quartel do século XVI.

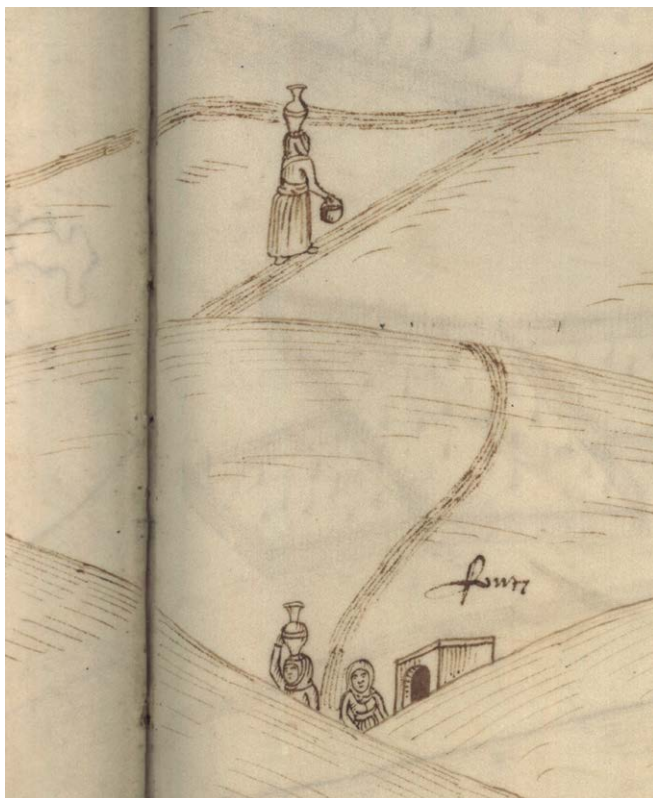


Fig. 8 – Oguela.

²¹ OLIVEIRA, José Augusto – *Castelo de Vide na Idade Média*. Lisboa: Colibri; Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2011, p. 49.

Os rios surgem em lugar de destaque sempre que têm importância local, seja do ponto de vista económico ou defensivo. Duarte Darmas deixou-nos registo do Guadiana (Mértola e Juromenha), do Ardila e do Murtega (Noudar), do Oeiras (Mértola), do Caia (Arronches) e da ribeira de Monforte. Em Montalvão, a legenda de uma das vistas refere “por aqui vai uma ribeira”. A de Sever, que fica a pouco mais de dois quilómetros da localidade, já então marcava a fronteira entre Portugal e Castela. Havia pontes em Arronches e em Monforte e barcos de diferentes dimensões em Mértola. As embarcações que vemos aqui no rio parecem querer representar os diferentes tipos de atividade económica (de comércio e transporte nos barcos de maiores dimensões, de pesca naquela onde vemos dois homens a remar).

A vegetação está quase sempre ausente, em questões de detalhe. Excetua-se o caso de Castelo de Vide, cujas imediações são exuberantemente representadas com a referência expressa a castanheiros e a oliveiras. Hortas periurbanas, bem delimitadas e ordenadas surgem com regularidade, como em Montalvão, em Ouguela ou em Nisa. Neste último caso, Duarte Darmas menciona de forma expressa o proprietário de um lagar e de hortas (D. João, presumivelmente D. João de Sousa, o alcaide da vila). Em Elvas, mostra-nos pomares e hortas.

Um laranjal, associado a um poço de “muita água e boa”, tem lugar de destaque na planta da alcáçova de Moura²². Quando no interior dos castelos não há poços, há cisternas, e elas surgem em Noudar, Mourão, Monsaraz, Terena etc.²³. Era uma forma de garantir a autonomia destes redutos defensivos em caso de cerco.

Mais do que os terramotos, foram as campanhas da Restauração a dar uma nova configuração às localidades raianas. Casos como Mértola ou Assumar, por exemplo, não tiveram alterações durante estas campanhas. Moura teve-as, mas a nova cintura de muralhas deixou intactos os antigos arrabaldes medievais e modernos, envolvendo-os em novas defesas. Noutros casos, as modificações foram importantes e levaram a alterações muito significativas da paisagem urbana. Talvez o exemplo mais flagrante seja o de Campo Maior, onde há testemunhos de alterações de localização de conventos e mesmo a demolição de igrejas e, presume-se, a anulação dos espaços funerários situados nas suas imediações.

6. Duarte Darmas, hoje.

Retomar Duarte Darmas, nos nossos dias, é a constatação de um jogo de espelhos que o tempo tornou impossível. Não há, salvo em casos pontuais, correspondência precisa entre o que ele viu no início do século XVI, e o que existe, cinco séculos volvidos.

²² DIAS, João José Alves – *Livro das Fortalezas...*, p. 351.

²³ DIAS, João José Alves – *Livro das Fortalezas...*, pp. 352-355.

Em todo o caso, o registo feito por Duarte Darmas permite avaliar as modificações operadas em cada local. As dinâmicas urbanas são diferentes e, em especial nos locais mais afetados pela Guerra da Restauração, houve mudanças que tornam irreconhecíveis as paisagens quinhentistas.

O livro permanece como uma obra maior da arte mundial. O antes e o depois de cada localidade podem ser conferidos com o rigor que a passagem do tempo permite. Há realidades que ficaram quase paradas no tempo. Há sítios onde reconhecemos com dificuldades as localidades de outrora. Mas sem Duarte Darmas a história urbana do Alentejo quinhentista seria muito mais pobre.

De Duarte Darmas pouco mais informações há. Estava vivo em 1516, poucos anos depois da realização do livro das fortalezas. Do anónimo e imortalizado escudeiro nada sabemos.